



A SERENÍSSIMA REPÚBLICA¹

(CONFERÊNCIA DO CÔNEGO VARGAS)

Machado de Assis

Papéis avulsos. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 225-239.

Edição e notas ao texto: José Américo Miranda², Gilson Santos³ e João Víctor Freitas⁴.

Explicação

Este texto de Machado de Assis foi estabelecido com base na única publicação em livro feita em vida do autor (*Papéis avulsos*, 1882), em confronto com a primeira publicação em periódico, na *Gazeta de Notícias* (20 ago. 1882) – o que nos permitiu restaurar o texto em alguns poucos pontos (em que, parece-nos, as edições em livro não estão corretas), intervenções que ficaram registradas em notas. Nesta edição, empregamos as formas mais usadas atualmente de certas palavras que aparecem na obra de Machado de Assis e que ainda constam no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* e em dicionários, como, por exemplo, adotar (adoptar), coisa (cousa), cúmplice (cômplice), doida (douda), dois (dous), regime (regímen), reto (recto) e sutileza (subtileza). Nas notas, foram empregadas as abreviaturas GN e PA1882 para designar, respectivamente, a *Gazeta de Notícias* e a obra *Papéis avulsos* (edição de 1882). Machado de Assis foi um atento observador da cena política no século XIX; sua obra (especialmente as crônicas) apresenta, em diversos momentos, comentários e avaliações de eleições e processos eleitorais do seu tempo. Ao final do volume *Papéis avulsos*, p. 300, ele nos deixou esta “Nota”: “Este escrito, publicado primeiro na *Gazeta de Notícias*, como outros do livro, é o único em que há um sentido restrito: – as nossas alternativas eleitorais. Creio que terão entendido isso mesmo, através da forma alegórica.”

Os Editores

¹ Em GN, na primeira coluna do folhetim, as palavras ou sílabas iniciais de cada linha ficaram ocultas no microfilme (por efeito da encadernação?) – seguimos o texto-base (PA1882), para suprir essas lacunas.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Literatura Brasileira (aposentado) da Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: bmaj@uol.com.br

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Língua Latina e Filologia do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: gilsonsantos@ufu.br

⁴ Graduando em Letras no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: joaovictorfreitas@ufu.br

A SERENÍSSIMA REPÚBLICA

(CONFERÊNCIA DO CÔNEGO VARGAS)

Meus senhores,

Antes de comunicar-vos uma descoberta, que reputo de algum lustre para o nosso país, deixai que vos agradeça a prontidão com que acudistes ao meu chamado. Sei que um interesse superior vos trouxe aqui; mas não ignoro também, – e fora ingratidão ignorá-lo, – que um pouco de simpatia pessoal se mistura à vossa legítima curiosidade científica. Oxalá possa eu corresponder a ambas.

Minha descoberta não é recente; data do fim do ano de 1876. Não a divulguei então, – e, a não ser o *Globo*,⁵ interessante diário desta capital, não a divulgaria ainda agora, – por uma razão que achará fácil entrada no vosso espírito. Esta obra de que venho falar-vos, carece de retoques últimos, de verificações e experiências complementares. Mas o *Globo* noticiou que um sábio inglês descobriu a linguagem fônica dos insetos, e cita o estudo feito com as moscas.⁶ Escrevi logo para a Europa e aguardo as respostas com ansiedade. Sendo certo, porém, que pela navegação aérea, invento do padre Bartolomeu, é glorificado o nome estrangeiro, enquanto o do nosso patrício mal se pode dizer lembrado dos seus naturais, determinei evitar a sorte do insigne Voador,⁷ vindo a esta tribuna, proclamar alto e bom som, à face do universo, que muito antes daquele sábio, e fora das ilhas britânicas, um modesto naturalista descobriu coisa idêntica, e fez com ela obra superior.

Senhores, vou assombrar-vos, como teria assombrado a Aristóteles,⁸ se lhe perguntasse: Credes que se possa dar um regime social às aranhas? Aristóteles

⁵ Gondim da Fonseca, no “Índice cronológico dos jornais e revistas cariocas existentes de 1808 a 1908, inclusive”, em sua *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*, traz o seguinte verbete: “O GLOBO. 1874-83. Suspendeu a publicação em 78, reapareceu em 81. Foi até 83. Em 81 entrou para a sua redação Quintino Bocaiuva, que lhe deu acentuada feição republicana.” (FONSECA, 1941, p. 349) Nesse periódico, Machado de Assis publicou, em folhetim, os romances *A mão e a luva* (26 set. 1874 a 3 nov. 1874) e *Helena* (6 ago. 1876 a 11 set. 1876). John Gledson (em CJG1998, p. 391, segunda nota) considera que, pelas “tendências republicana e científicista” do periódico, Machado de Assis “sem dúvida está satirizando o jornal.”

⁶ John Gledson (CJG1998, v. 1, p. 391, nota assinalada por dois asteriscos – **) afirma não haver encontrado “o artigo que Machado menciona”. Nós também não o encontramos. Segundo Gledson, “é bem provável que seja uma empulhação”.

⁷ Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (Santos, 1685-Toledo, 1724): inventor de uma máquina de voar, chamada na época de “Passarola”. Por isso, recebeu o cognome de padre Voador. Por seus experimentos, foi precursor da aeronáutica no mundo. Era irmão do diplomata Alexandre de Gusmão (Santos, 1695-Lisboa, 1753).

⁸ Em nota à edição de *Papéis avulsos*, de 2011 (da Penguin Classics Companhia das Letras), Hélio Guimarães anota que Aristóteles (384-322 a.C.) também escreveu sobre a história dos animais: [ele] “acreditava que apenas o homem era um animal político, inclinado a viver socialmente com outros homens por ser o único animal capaz de fazer uso da linguagem.” (GUIMARÃES, 2011, p. 197, nota 3)

responderia negativamente, com⁹ vós todos, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente esse articulado¹⁰ arisco, solitário, apenas disposto ao trabalho, e dificilmente ao amor. Pois bem, esse impossível fi-lo eu.¹¹

Ouçõ um riso, no meio do sussurro de curiosidade. Senhores, cumpre vencer os preconceitos. A aranha parece-vos inferior, justamente porque não a conheceis. Amais o cão, prezais o gato e a galinha, e não advertis que a aranha não pula nem ladra como o cão, não mia como o gato, não cacareja como a galinha, não zune nem morde como o mosquito, não nos leva o sangue e o sono como a pulga. Todos esses bichos são o modelo acabado da vadiação e do parasitismo. A mesma formiga, tão gabada por certas qualidades boas, dá no nosso açúcar e nas nossas plantações, e funda a sua propriedade roubando a alheia. A aranha, senhores, não nos aflige nem defrauda; apanha as moscas, nossas inimigas, fia, tece, trabalha e morre. Que melhor exemplo de paciência, de ordem, de previsão, de respeito e de humanidade? Quanto aos seus talentos, não há duas opiniões. Desde Plínio até Darwin,¹² os naturalistas do mundo inteiro formam um só coro de admiração em torno desse bichinho, cuja maravilhosa teia a vassoura inconsciente do vosso criado destrói em menos de um minuto. Eu repetiria agora esses juízos, se me sobrasse tempo; a matéria, porém, excede o prazo, sou constrangido a abreviá-la. Tenho-os aqui, não todos, mas quase todos; tenho, entre eles, esta excelente monografia de Büchner,¹³ que com tanta sutileza estudou a vida psíquica dos animais. Citando Darwin e Büchner, é claro que me restrinjo à homenagem cabida a dois sábios de primeira ordem, sem de nenhum modo absolver (e as minhas vestes o proclamam) as teorias gratuitas e errôneas do materialismo.

⁹ com] como – em GN. É possível que a forma correta seja “como vós todos”, conforme vem em GN, e tenha havido erro (houve outros) na transcrição para o livro. Entretanto, a forma “com vós todos” também faz sentido – o que nos levou a admiti-la nesta edição.

¹⁰ Articulados: “agrupamento, de uma antiga classificação zoológica, que reunia os atuais anelídeos, crustáceos, aracnídeos e insetos.” (HOUAISS, 2001) O “Glossário” dos principais termos científicos empregados na obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, redigido por Mr. N. S. Dallas, a pedido do autor, traz a seguinte explicação: “*Articulados*: Grande divisão do reino animal, caracterizada geralmente pela divisão do corpo do animal em segmentos (anéis) de que um número maior ou menor é provido de patas compostas, tais como insetos, crustáceos e centípedos.” (DALLAS, in: DARWIN, 2010, p. 354) A aranha pertence hoje ao filo dos Artrópodes, classe dos aracnídeos. (HOUAISS, 2001)

¹¹ Em GN termina aqui a primeira coluna do texto.

¹² Em nota à edição de *Papéis avulsos*, de 2011 (da Penguin Classics Companhia das Letras), Hélio Guimarães anota que Plínio II (c. 23-70), Plínio o Velho, num dos 37 volumes de sua *História natural*, “faz referências e elogios aos ‘talentos’ das aranhas.” Sobre Charles Darwin (1809-1882), afirma que ele “trata das aranhas em várias passagens do livro *A descendência do homem e seleção em relação ao sexo*, de 1871, do qual Machado possuía a edição francesa de 1873; entre as menções de Darwin a esse animal está a notícia de que ‘muitos escritores declaram que as aranhas são atraídas pela música’, ideia repetida pelo cônego neste conto.” (GUIMARÃES, 2011, p. 198, nota 4)

¹³ Büchner] Buchner – em GN e em PA1882 (nesta passagem e na ocorrência seguinte). Ludwig Büchner (1824-1899): médico e filósofo materialista alemão, autor, entre outras obras, de *Força e matéria* (1855), *O homem e seu lugar na natureza* (1872) e *A vida intelectual dos animais* (1880). De suas obras, Machado de Assis possuía em sua biblioteca as duas últimas, em traduções francesas. Esse cientista era irmão de Georg Büchner, autor de importantes peças teatrais (*Woyzeck*, *Leonce e Lena*, *A morte de Danton*), e de Luise Büchner, ativista dos direitos das mulheres. (ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional, s.d., v. III, p. 1818; MASSA, 2001, p. 34; <https://en.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Büchner>)

Sim, senhores, descobri uma espécie araneida que dispõe do uso da fala; coligi alguns, depois muitos dos novos articulados, e organizei-os socialmente. O primeiro exemplar dessa aranha maravilhosa apareceu-me no dia 15 de dezembro de 1876. Era tão vasta, tão colorida, dorso rubro, com listras azuis, transversais, tão rápida nos movimentos, e às vezes tão alegre, que de todo me cativou a atenção. No dia seguinte vieram mais três, e as quatro tomaram posse de um recanto de minha chácara. Estudei-as longamente; achei-as admiráveis. Nada, porém, se pode comparar ao pasmo que me causou a descoberta do idioma araneida, uma língua, senhores, nada menos que uma língua rica e variada, com a sua estrutura sintática, os seus verbos, conjugações, declinações, casos latinos e formas onomatopaicas, uma língua que estou gramaticando para uso das academias, como o fiz sumariamente para meu próprio uso. E fi-lo, notai bem, vencendo dificuldades aspérrimas¹⁴ com uma paciência extraordinária. Vinte vezes desanimei; mas o amor da ciência dava-me forças para arremeter a um trabalho, que hoje declaro, não chegaria a ser¹⁵ feito duas vezes na vida do mesmo homem.

Guardo para outro recinto a descrição técnica do meu arácni¹⁶ e a análise da língua. O objeto desta conferência é, como disse, ressaltar os direitos da ciência brasileira, por meio de um protesto em tempo; e, isto feito, dizer-vos a parte em que reputo a minha obra superior à do sábio de Inglaterra. Devo demonstrá-lo, e para este ponto chamo a vossa atenção.

Dentro de um mês tinha comigo vinte aranhas; no mês seguinte cinquenta e cinco; em março¹⁷ de 1877 contava quatrocentas e noventa. Duas forças serviram principalmente à empresa de as congregar: – o emprego da língua delas, desde que pude discerni-la um pouco, e o sentimento de terror que lhes infundi. A minha estatura, as vestes talares, o uso do mesmo idioma, fizeram-lhes crer que era eu o deus das aranhas, e desde então adoraram-me. E vede o benefício desta ilusão. Como as acompanhasse com muita atenção e miudeza, lançando em um livro as observações que fazia, cuidaram que o livro era o registro dos seus pecados, e fortaleceram-se ainda mais na prática das virtudes. A flauta também foi um grande auxiliar. Como sabeis, ou deveis saber, elas são doidas por música.

Não bastava associá-las; era preciso dar-lhes um governo idôneo. Hesitei¹⁸ na escolha; muitos dos atuais pareciam-me bons, alguns excelentes, mas todos tinham contra si o existirem. Explico-me. Uma forma vigente de governo ficava exposta a comparações que poderiam amesquinhá-la. Era-me preciso, ou achar uma forma nova, ou restaurar alguma outra abandonada. Naturalmente adotei o segundo alvitre, e nada me pareceu mais acertado do que uma república, à maneira de

¹⁴ aspérrimas] aspérrimas, – em GN.

¹⁵ ser] sar – em PA1882 (erro tipográfico).

¹⁶ arácni¹⁶] aracnide – em GN e em PA1882. Arácni¹⁶ é forma não registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*; significa o mesmo que arácni¹⁶ ou aracnídeo (formas atuais). (HOUAISS, 2001, verbete: *aracnídeo*)

¹⁷ março] Março – em PA1882.

¹⁸ Hesitei] Trepidei – em GN.

Veneza, o mesmo molde, e até o mesmo epíteto.¹⁹ Obsoleto, sem nenhuma analogia, em suas feições gerais, com qualquer outro governo vivo, cabia-lhe ainda a vantagem de um mecanismo complicado, – o que era meter à prova as aptidões políticas da jovem sociedade.

Outro motivo determinou a minha escolha. Entre os diferentes modos eleitorais da antiga Veneza, figurava o do saco e bolas, iniciação dos filhos da nobreza no serviço do Estado. Metiam-se as bolas com os nomes dos candidatos no saco, e extraía-se anualmente um certo número, ficando os eleitos desde logo aptos para as carreiras públicas. Este sistema fará rir aos doutores do sufrágio; a mim não. Ele exclui os desvarios da paixão, os desazos da inépcia, o congresso da corrupção e da cobiça. Mas não foi só por isso que o aceitei; tratando-se de um povo tão exímio na fiação de suas teias, o uso do saco eleitoral era de fácil adaptação, quase uma planta indígena.

A proposta foi aceita. Sereníssima República pareceu-lhes um título magnífico, roçagante, expansivo, próprio a engrandecer a obra popular.

Não direi, senhores, que a obra chegou à perfeição, nem que lá chegue tão cedo. Os meus pupilos não são os solários de Campanella ou os utopistas de Morus;²⁰ formam um povo recente, que não pode trepar de um salto ao cume das nações seculares. Nem o tempo é operário que ceda a outro a lima ou o alvião; ele fará mais e melhor do que as teorias do papel, válidas no papel e mancas na prática. O que posso afirmar-vos é que, não obstante as incertezas da idade, eles caminham, dispondo de algumas virtudes, que presumo essenciais à duração de um Estado. Uma delas, como já disse, é a perseverança, uma longa paciência de Penélope,²¹ segundo vou²² mostrar-vos.

Com efeito, desde que compreenderam que no ato eleitoral estava a base da vida pública, trataram de o exercer com a maior atenção.²³ O fabrico do saco foi uma obra nacional. Era um saco de cinco polegadas de altura e três de largura,

¹⁹ A república de Veneza intitula-se Sereníssima República de Veneza.

²⁰ “Solários” é palavra que não consta do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* nem da maioria dos dicionários. Faz exceção à regra o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, que traz este verbete: “SOLÁRIOS, s. m. pl. Habitantes da cidade ideal imaginada por Campanella em sua obra *Civitas solis*”. Laudelino Freire usa justamente a frase deste texto de Machado de Assis em abonação do sentido que atribui à palavra. Curiosamente, entretanto, o mesmo autor (no mesmo *Dicionário*), no verbete UTOPISTA (e não UTOPISTAS), não dá o sentido que a palavra tem neste texto (o de “habitante da Utopia”, localidade imaginária criada por Thomas Morus), mas apenas este: “Aquele que forma ou defende utopias.”

²¹ Ver nota 37.

²² vou] von – em PA1882 (erro tipográfico).

²³ Numa das anotações que fez de autores clássicos portugueses (como costumava fazer), Machado de Assis registrou a seguinte passagem de um sermão do padre Manuel Bernardes: “Chamara-o [são Carlos Borromeu] para governar homens, *que é a arte das artes*.” (*Sermões e práticas*, segunda parte, 1733, “Sermão de S. Carlos Borromeu”, p. 427; o grifo na citação é nosso) Certamente o interesse de Machado de Assis, ao fazer essa anotação, estava no dito sobre a arte de governar... o que combina muito bem com esta passagem deste escrito, em que afirma que “no ato eleitoral estava a base da vida pública”.

tecido com os melhores fios, obra²⁴ sólida e espessa. Para compô-lo foram aclamadas dez damas principais,²⁵ que receberam o título de mães da república, além de outros privilégios e foros. Uma obra-prima, podeis crê-lo. O processo eleitoral é simples. As bolas recebem os nomes dos candidatos, que provarem certas condições, e são escritas por um oficial público, denominado “das inscrições”. No dia da eleição, as bolas são metidas no saco e tiradas pelo oficial das extrações,²⁶ até perfazer o número dos elegendos. Isto que era um simples processo inicial na antiga Veneza, serve aqui ao provimento de todos os cargos.

A eleição fez-se a princípio com muita regularidade; mas, logo depois, um dos legisladores declarou que ela fora viciada, por terem entrado no saco duas bolas com o nome do mesmo candidato. A assembleia verificou a exatidão da denúncia, e decretou que o saco, até ali de três polegadas de largura, tivesse agora duas; limitando-se a capacidade do saco, restringia-se o espaço à fraude, era o mesmo que suprimi-la. Aconteceu, porém, que na eleição seguinte, um candidato deixou de ser inscrito na competente bola, não se sabe se por descuido ou intenção do oficial público. Este declarou que não se lembrava de²⁷ ter visto o ilustre candidato, mas acrescentou nobremente que não era impossível que ele lhe tivesse dado o nome; neste caso não houve exclusão, mas distração. A assembleia, diante de um fenômeno psicológico inelutável, como é a distração, não pôde castigar o oficial; mas, considerando que a estreiteza do saco podia dar lugar a exclusões odiosas, revogou a lei anterior e restaurou as três polegadas.

Nesse ínterim, senhores, faleceu o primeiro magistrado, e três cidadãos apresentaram-se candidatos ao posto, mas só dois importantes, Hazeroth e Magog,²⁸ os próprios chefes do partido retilíneo e do partido curvilíneo. Devo explicar-vos estas denominações. Como eles são principalmente geômetras, é a geometria que os

²⁴ fios, obra] fios e obra – em GN.

²⁵ Em PA1882, a vírgula está sobrescrita, depois da palavra “principais” (assim: principais’). Há vírgula em GN.

²⁶ extrações,] extrações. – em PA1882 (erro tipográfico).

²⁷ que não se lembrava de] que não lembrava de – em GN.

²⁸ Não podemos saber como Machado de Assis escolheu esses nomes. Entretanto, permitimo-nos alguma especulação a respeito deles. Hazeroth e Magog são nomes que ocorrem na Bíblia, topônimo o primeiro, topônimo e antropônimo o segundo. Hazeroth é o nome de um dos lugares em que acampou o povo hebreu, enquanto migrava guiado por Moisés. Nesse lugar, Maria e Aarão se opuseram a Moisés, por ter ele desposado uma mulher cuchita (etíope). Iaweh os convocou à Tenda da Reunião e lhes falou, envolto numa nuvem, entre outras coisas, o seguinte: “Se há entre vós um profeta, / é em visão que me revelo a ele, / é em sonho que lhe falo. / Assim não se dá com o meu servo Moisés, / a quem toda a minha casa está confiada. / Falo-lhe face a face, / claramente e não em enigmas, / e ele vê a forma de Iaweh.” (Nm 12,6-8) Assim, esse nome se associa à clareza (linha reta). Magog é nome de um dos filhos de Jafé (que era filho de Noé). Como topônimo, significava “terra de Gog”. (Ez 38,2) Em nota, A BÍBLIA de Jerusalém (2000, p. 1661, nota a), no capítulo 38 do livro de Ezequiel, esclarece que este texto (capítulo 38) “apresenta já muitos traços apocalípticos.” Se recordarmos que o vocábulo “apocalipse” significa “descoberta, revelação”, e que as revelações aos profetas eram feitas “em visão”, “em sonho”, e tinham linguagem cifrada, “em enigmas” (como a dos “oráculos”), podemos entender o sentido de “discurso obscuro”, que também tem, por extensão de sentido, a palavra “apocalipse”. Se for assim, como Hazeroth se associa à clareza e à linha reta, Magog estaria associado à obscuridade e à linha curva.

divide em política. Uns entendem que a aranha deve fazer as teias com fios retos, é o partido retilíneo; – outros pensam, ao contrário, que as teias devem ser trabalhadas com fios curvos, – é o partido curvilíneo. Há ainda um terceiro partido, misto e central, com este postulado: – as teias devem ser urdidas de fios retos e fios curvos; é o partido reto-curvilíneo; e finalmente, uma quarta divisão política, o partido antirreto-curvilíneo, que fez tábua rasa de todos os princípios litigantes, e propõe o uso de umas teias urdidas de ar, obra transparente e leve, em que não há linhas de espécie alguma. Como a geometria apenas poderia dividi-los, sem chegar a apaixoná-los, adotaram uma simbólica. Para uns, a linha reta exprime os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a inteireza, a constância, etc., ao passo que os sentimentos ruins ou inferiores, como²⁹ a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia, são perfeitamente curvos. Os adversários respondem que não, que a linha curva é a da virtude e do saber, porque é a expressão da modéstia e da humildade; ao contrário, a ignorância, a presunção, a toleima, a parlapatice, são retas, duramente retas. O terceiro partido, menos anguloso, menos exclusivista, desbastou a exageração de uns e outros, combinou os contrastes, e proclamou a simultaneidade das linhas como a exata cópia do mundo físico e moral. O quarto limita-se a negar tudo.

Nem Hazeroth nem Magog foram eleitos. As suas bolas saíram do saco, é verdade, mas foram inutilizadas, a do primeiro por faltar a primeira letra do nome, a do segundo por lhe faltar a última. O nome restante e triunfante era o de um argentário ambicioso,³⁰ político obscuro, que subiu logo à poltrona ducal, com espanto geral da república. Mas os vencidos não se contentaram de dormir sobre os louros do vencedor; requereram uma devassa. A devassa mostrou que o oficial das inscrições intencionalmente viciara a ortografia de seus nomes. O oficial confessou o defeito e a intenção; mas explicou-os dizendo que se tratava de uma simples elipse; delito, se o era, puramente literário. Não sendo possível perseguir ninguém por defeitos de ortografia ou figuras de retórica, pareceu acertado rever a lei. Nesse mesmo dia ficou decretado que o saco seria feito de um tecido de malhas, através das quais as bolas pudessem ser lidas pelo público, e, *ipso facto*, pelos mesmos candidatos, que assim teriam tempo de corrigir as inscrições.

Infelizmente, senhores, o comentário da lei é a eterna malícia. A mesma porta aberta à lealdade serviu à astúcia de um certo Nabiga, que se conchavou com o oficial das extrações, para haver um lugar na assembleia. A vaga era uma, os candidatos três; o oficial extraiu as bolas com os olhos no cúmplice, que só deixou de abanar negativamente a cabeça, quando a bola pegada foi a sua. Não era preciso mais para condenar a ideia das malhas. A assembleia, com exemplar paciência, restaurou o tecido espesso do regime anterior; mas, para evitar outras elipses,

²⁹ Esse “como” não deveria existir, por não fazer sentido, – já que “a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia” não são “sentimentos” – e pelo paralelismo seguramente intencional (no autor) com o trecho antecedente – “os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a inteireza, a constância”. No primeiro trecho (matriz sequencial do paralelismo), não há “como”. *Lapsus calami?*

³⁰ ambicioso,] ambicioso; – em GN.

decretou a validação das bolas cuja inscrição estivesse incorreta, uma vez que cinco pessoas jurassem ser o nome inscrito o próprio nome do candidato.

Este novo estatuto deu lugar a um caso novo e imprevisto, como ides ver. Tratou-se de eleger um coletor de espórtulas, funcionário encarregado de cobrar as rendas públicas, sob a forma de espórtulas voluntárias. Eram candidatos, entre outros, um certo Caneca e um certo Nebraska. A bola extraída foi a de Nebraska. Estava errada, é certo, por lhe faltar a última letra; mas, cinco testemunhas juraram, nos termos da lei, que o eleito era o próprio e único Nebraska da república. Tudo parecia findo, quando o candidato Caneca requereu provar que a bola extraída não trazia o nome de Nebraska, mas o dele. O juiz de paz deferiu ao peticionário. Veio então um grande filólogo, – talvez o primeiro da república, além de bom metafísico, e não vulgar matemático, – o qual³¹ provou a coisa nestes termos:

– Em primeiro lugar, disse ele, deveis notar que não é fortuita a ausência da última letra do nome Nebraska. Por que motivo foi ele escrito incompletamente? Não se pode dizer que por fadiga ou amor da brevidade, pois só falta a última letra, um simples *a*. Carência de espaço? Também não; vede;³² há ainda espaço para duas ou três sílabas. Logo, a falta é intencional, e a intenção não pode ser outra senão chamar a atenção do leitor para a letra *k*, última escrita, desamparada, solteira, sem sentido. Ora, por um efeito mental, que nenhuma lei destruiu, a letra reproduz-se no cérebro de dois modos, a forma gráfica, e a forma sônica: *k* e *ca*. O defeito, pois, no nome escrito, chamando os olhos para a letra final, incrusta desde logo no cérebro esta primeira sílaba: *Ca*. Isto posto, o movimento natural do espírito é ler o nome todo; volta-se ao princípio, à inicial *ne*, do nome *Nebrask*. – *Cané*. – Resta a sílaba do meio, *bras*, cuja redução a esta outra sílaba *ca*, última do nome Caneca, é a coisa mais demonstrável do mundo. E, todavia, não a demonstrarei, visto faltar-vos o preparo necessário ao entendimento da significação espiritual ou filosófica da sílaba, suas origens e efeitos, fases, modificações, conseqüências lógicas e sintáticas, dedutivas ou indutivas, simbólicas e outras. Mas, suposta a demonstração, aí fica a última prova, evidente e clara,³³ da minha afirmação primeira pela anexação da sílaba *ca* às duas *Cane*, dando este nome Caneca.³⁴

³¹ matemático, – o qual] matemático; o qual – em GN.

³² vede;] vede: – em GN.

³³ evidente e clara,] evidente clara, – em PA1882 (erro tipográfico?). Restituímos a conjunção “e” ao texto com base na lição de GN.

³⁴ Se essa maluca demonstração com base na mutação das letras e dos sons dos dois nomes, por um lado, evoca certos artifícios do padre Vieira, em que sílabas e palavras ganham explicações a partir de suas letras (representações gráficas dos sons da língua), por serem elas (como tudo o mais no universo) obras do criador, por outro lembra muito claramente os raciocínios do filólogo e latinista Antônio de Castro Lopes (1827-1901), que, segundo John Gledson, foi “alvo da sátira machadiana desde pelo menos 1883” (em três crônicas de “Bons Dias!”). (GLEDSON, nota à crônica n. 144 de “A Semana”, edição inédita) Observe-se que “A Sereníssima República” é de 1882. Machado de Assis satirizava os neologismos que o filólogo inventava a partir do latim para substituir estrangeirismos na língua portuguesa (como “cardápio”, para substituir “menu”, por exemplo). Os disparates do filólogo aracnídeo têm muita semelhança com o método “castrolópico” (neologismo usado pelo poeta Correia de Almeida, em *Sátiras, epigramas e outras*

A lei emendou-se, senhores, ficando abolida a faculdade da prova testemunhal e interpretativa dos textos, e introduzindo-se uma inovação, o corte simultâneo de meia polegada na altura e outra meia na largura do saco. Esta emenda não evitou um pequeno abuso na eleição dos alcaides, e o saco foi restituído às dimensões primitivas, dando-se-lhe, todavia, a forma triangular. Compreendeis que esta forma trazia consigo uma consequência: ficavam muitas bolas no fundo. Daí a mudança para a forma cilíndrica; mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo inconveniente se reconheceu ser igual ao do triângulo,³⁵ e então adotou-se a forma de um crescente, etc. Muitos abusos, descuidos e lacunas tendem a desaparecer, e o restante terá igual destino, não inteiramente, decerto, pois a perfeição não é deste mundo, mas na medida e nos termos do conselho de um dos mais circunspectos cidadãos da minha república, Erasmus, cujo último discurso sinto não poder dar-vos integralmente. Encarregado de notificar a última resolução legislativa às dez damas, incumbidas de urdir o saco eleitoral, Erasmus contou-lhes a fábula de Penélope, que fazia e desfazia a famosa teia, à espera do esposo Ulisses.

Vós sois a Penélope da nossa república, disse ele ao terminar; tendes a mesma castidade, paciência e talentos. Refazei o saco, amigas minhas, refazei o

poesias, 1863) de explicar etimologias. Veja-se esta, da palavra “carnaval”, que Machado de Assis apresentou a seus leitores em crônica de 3 de março de 1895: “Tal é a filosofia do carnaval; mas qual é a etimologia? O Sr. Dr. Castro Lopes reproduziu terça-feira a sua explicação do nome e da festa. Discordando dos que veem no carnaval uma despedida da carne para entrar no peixe e no jejum da quaresma (*caro vale*, adeus, carne), entende o nosso ilustrado patricio que o carnaval é uma imitação das *lupercais* romanas, e que o seu nome vem daí. Nota logo que as *lupercais* eram celebradas em 15 de fevereiro; matava-se uma cabra, os sacerdotes untavam a cara com o sangue da vítima, ou atavam uma máscara no rosto e corriam seminus pela cidade. Isto posto, como é que nasceu o nome carnaval? / Apresenta duas conjecturas, mas adota somente a segunda, por lhe parecer que a primeira exige uma ginástica difícil da parte das letras. Com efeito, supõe essa primeira hipótese que a palavra *lupercalia* perdeu as letras *l*, *p*, *i*, ficando *uercala*; esta, torcida de trás para diante, dá *careual*; a letra *u* entre vogais transforma-se em *v*, e daí *careval*; finalmente, a corrupção popular teria introduzido um *n* depois do *r*, e ter *carneval*, que, com o andar dos tempos, chegou a *carnaval*. Realmente, a marcha seria demasiado longa. As palavras andam muito, em verdade, e nessas jornadas é comum irem perdendo as letras; mas, no caso desta primeira conjectura, a palavra teria não só de as perder, mas de as trocar tanto, que verdadeiramente meteria os pés pelas mãos, chegando ao mundo moderno de pernas para o ar. Ginástica difícil. A segunda conjectura parece ao Sr. Dr. Castro Lopes mais lógica, e é a que nos dá por solução definitiva do problema. / Ei-la aqui. ‘Era muito natural, diz o ilustrado linguista, que nessas festas se entoasse o *canto dos irmãos arvais*; muito naturalmente também ter-se-á dito, às vezes, *a festa do canto arval* (cantus arvalis), palavras que produziram o termo *canarval*, cortada a última sílaba de *cantus* e as duas letras finais de *arvalis*. De *canarval* a *carnaval* a diferença é tão fácil, que ninguém a porá em dúvida.’” (ASSIS, crônica n. 144 de “A Semana”, edição inédita de John Gledson) Comparando as explicações de Castro Lopes para a origem da palavra “carnaval” com a demonstração abstrusa do filólogo aracnídeo, diga o leitor se não há um ar de família entre seus métodos e suas maneiras de argumentar.

³⁵ igual ao do triângulo,] igual ao triângulo, – em PA1882 (omissão tipográfica?). Restauramos a partícula “do”, que dá correção lógica ao texto (“cujo inconveniente se reconheceu ser igual ao do triângulo”), com base em GN.

saco, até que Ulisses, cansado de dar às pernas,³⁶ venha tomar entre nós o lugar que lhe cabe. Ulisses é a Sapiência.³⁷

FIM DA SERENÍSSIMA REPÚBLICA.³⁸

Referências

- A BÍBLIA sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1867.
- A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 2000.
- ALMEIDA, José Joaquim Correia de. *Sátiras, epigramas e outras poesias*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1863.
- ASSIS, Machado de. A Sereníssima República (conferência do cônego Vargas). *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 231, p. 1, 20 ago. 1882.
- ASSIS, Machado de. A Sereníssima República (conferência do cônego Vargas). In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882. p. 225-239.
- ASSIS, Machado de. *Helena*. Texto estabelecido pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Texto estabelecido pela Comissão Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- ASSIS, Machado de. A Sereníssima República (conferência do cônego Vargas). In: *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas: John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 1, p. 391-400.

³⁶ “Dar às pernas”: Fugir. (NASCENTES, 1966, p. 231)

³⁷ Na primeira ocorrência do nome “Penélope”, na edição de *Papéis avulsos*, de 2011 (Penguin Classics Companhia das Letras), Hélio Guimarães pôs a seguinte nota (que reproduzimos aqui, para acrescentar-lhe alguns comentários): “É proverbial a paciência de Penélope, personagem da mitologia grega que se entrega a uma atividade interminável enquanto espera o retorno do marido Ulisses, conforme narrado na *Odisseia*. Assediada por dezenas de pretendentes, Penélope promete decidir-se quando tiver terminado de tecer a mortalha para o pai de Ulisses, Laertes; para adiar a decisão, desmancha à noite aquilo que havia tecido durante o dia, o que lhe permite esperar o retorno de Ulisses da guerra de Troia.” (GUIMARÃES, 2011, p. 202, nota 10) Essa fala de Erasmo, clara alusão a Erasmo de Roterdã, introduz no conto – uma fantasia alegórico-otópico-irônica, que cita explicitamente Thomas Morus (de quem Erasmo foi amigo) e Campanella – uma nota machadiana de ceticismo e de pessimismo. Ao aconselhar as damas incumbidas de urdir o saco eleitoral a se comportarem como Penélope, ele atribui ao aracnídeo Erasmo a opinião de que não há correção possível neste mundo, não adianta empenhar-se em melhorias: a sociedade humana (representada alegoricamente na fábula das aranhas) persistirá nas fraudes e nos erros.

³⁸ Em GN, ao pé do texto não vem esta frase, vem o nome do autor – assim: MACHADO DE ASSIS.

- ASSIS, Machado de. *A Sereníssima República* (conferência do cônego Vargas). In: *Papéis avulsos*. Prefácio de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- ASSIS, Machado de. *A semana – 144*. Edição, apresentação e notas por John Gledson. [inérita].
- DALLAS, N. S. Glossário. In: DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2010. p. 253-263. [Coleção Folha: livros que mudaram o mundo; v. 1]
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2010. [Coleção Folha: livros que mudaram o mundo; v. 1]
- ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, s.d. 20v.
- FONSECA, Gondim da. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.
- GLEDSON, John. Nota n. 3. In: ASSIS, Machado de. *A semana – 144*. Edição, apresentação e notas por John Gledson. [inérita].
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2001.
- MASSA, Jean-Michel. *A biblioteca de Machado de Assis*. In: JOBIM, 2001, p. 21-90.
- NASCENTES, Antenor. *Tesouros da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.
- VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

Endereço eletrônico:

https://en.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Büchner



Recebido em março de 2021
Aceito para publicação em março de 2021